



Ary Barroso, compositor

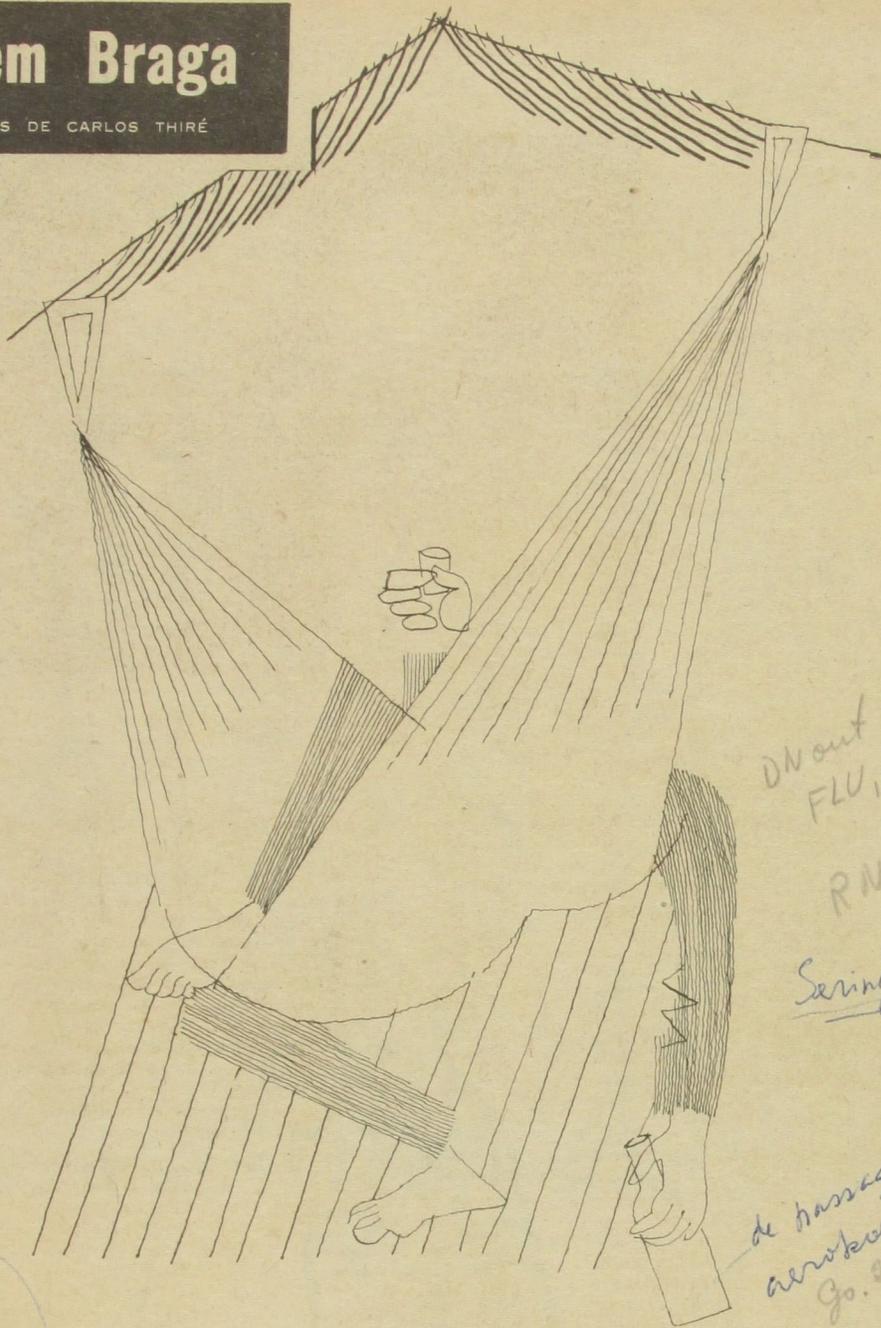
ARY Evangelista de Rezende BARROSO resolveu usar apenas o primeiro e o último desses nomes quando alguém lhe disse que o recheio dava azar; e reconhece que a mudança lhe deu sorte. Nasceu em 7 de novembro de 1903 em Ubá, Minas; o pai, João Evangelista Barroso, que foi promotor e deputado estadual, era irmão de Sabino Barroso, ministro da Fazenda do governo Wenceslau Brás e, a certa altura, presidente da Câmara Federal. Mas João era civilista, boêmio e tocador de violão; não se dava bem com o irmão ilustre e hermista. A mãe, Angelina, da imensa família mineira dos Rezende, morreu aos 21 anos, do coração; João Evangelista apaixonou-se com isso e deixou-se consumir de fome.

Em menos de dois meses o menino Ary, de 8 anos, ficou órfão de pai e mãe e passou a ser criado pela avó materna e pela tia Ritinha, que lhe ensinou piano. Ary ganhava 5 mil réis por noite no "Cinema Ubaense", a martelar o teclado; foi também caixa de uma loja de armarinhos, e assim conseguiu terminar o ginásio. Era sacristão, tomava banhos de rio, aprendeu a tomar cerveja com Chico Bomba e se lembra muito da morte de Pio X, quando passou o dia inteiro a dobrar o sino — cinco minutos de meia em meia hora. Uma de suas proezas foi, juntamente com João Martins de Oliveira (hoje magistrado) amarrar ao rabo de um cavalo o badalo do sino da velha igreja do Rosário, em ruínas, e com fama de mal assombrada. Houve grande reboição na cidade, as mulheres rezavam, os homens acabaram descobrindo que a assombração era o cavalo da carrocinha do Zé Chinelo, lixeiro e tocador de baixo em mi bemol, que chegou a ser prês; do sacristão é que ninguém podia desconfiar.

Ary estudou até o terceiro ano, quando o dinheiro acabou. Teve então de viver (mal) de piano, tocando em salas de espera de teatros — Carlos Gomes, Triunon, Eldorado — e em bailes. Progrediu até tocar na melhor orquestra da época, a de Romeu Silva; depois de uma excursão a Poços de Caldas juntou algum dinheiro e, aconselhado por outro tio, resolveu continuar o curso de Direito, pois todos os Barrosos sempre foram bacharéis e ele não podia ser a vergonha da família. Na verdade terminou o curso em 1929 e foi nomeado juiz municipal em Nova Rezende, sul de Minas; ao fim de cinco dias voltou ao Rio e ao piano.

Por volta de 28, 29, começou a compor umas coisas, mas a Casa Carlos Whers não se animava a editá-lo; como aquele rapazinho magro, de óculos, cheio de espinhas e com ar de fome, insistiu, o gerente da casa aconselhou-o a procurar o empresário do Carlos Gomes, que estava precisando de música nova para uma revista de Olegário Mariano. Foi lá, Luís Peixoto recebeu-o sem muita fé, mas admitiu que poderia ouvi-lo ao piano. Todas as 8 músicas de Ary foram incluídas na revista e ele foi contratado como compositor exclusivo do Carlos Gomes. Seu primeiro sucesso foi "Vou à Penha", e o segundo "Vamos deixar de intimidade", lançado por Aracy Côrtes. Fêz, depois, "Dá Nela", e ganhou a espantosa quantia de cinco contos, primeiro prêmio de um concurso carnavalesco.

Daqui para a frente seu nome se tornou conhecido e não há brasileiro digno que não se lembre de músicas tais como "Segura essa mulher", "Rancho Fundo", "Maria" ("o teu nome principia"), "Tabuleiro da Baiana", "Os quindins de Yayá"... Quer mais? Tomem lá a "Baixa do Sapateiro", "Grau Dez", "Upa, Upa" ("meu cavalinho alazão"), "Tu" ("teu olhar é um sonho azul"), "Foi Ela", "Aquarela do Brasil", "Terra Sêca", "Inquietação" ("quem no aceso da paixão...") "Como vais você!", "Camisa Amarela", "Risqué", "Boneca de Pixe", "Faceira"... E na verdade, o maior dos maiores, o mais rico e numeroso de nossos compositores, esse tremendo criador de melodias e de ritmos que milhões de brasileiros repetem e às vezes invadem o resto do mundo — literalmente o resto do mundo, de New York à Moscou.



NUVEM, BUDA, SERINGUEIRO

Notas esparsas de uma viagem pela Amazônia que tenho preguiça de juntar, articular para fazer uma crônica:

A floresta, vista de cima, é plana, monótona, imensa como o oceano. Há algumas nuvens brancas espalhadas pelo céu, pouco abaixo de nós. Parecem voar em sentido contrário ao nosso. Mas lá embaixo, na floresta, as manchas de sombra que elas projetam estão imóveis. A nuvem anda — mas a sombra fica. E' tudo ilusão da vista; mas o que não é ilusão no mundo do movimento e da distância? Minha verdade é esta: a nuvem voando, a sombra parada. E o avião sempre me dá uma espécie de lirismo pueril; penso em alguém que passou como uma nuvem branca no céu; e em sua sombra imóvel no meu coração. A sombra é a minha verdade, não a nuvem... A nuvem é dos outros.

Nesse aeroporto de Belém há toda uma quinquilharia pitoresca para tentar os turistas. Coisas de casco de tartaruga e conchas; e também quadros e pratos com aplicações de asas de borboletas, vindos provavelmente do Rio, jóias baratas de pedras coradas de Minas, caixinhas e bandejas com mosaicos de madeira do Paraná. No meio desse amontoado triste de coisas coloridas há surpreendentemente, um Buda — um Buda verde, de massa ou de barro, grande e solitário.

De onde terá vindo esse Buda vulgar e caro que se senta, aborrecido, entre pires enfeitados com asas das pobres borboletas assassinadas pela ganância e pelo mau gosto? Perto dele há um horroroso "abat-jour" de casco de tatu. Daí talvez seu ar aborrecido. Que es-

tranho bêbado comprará um dia esse deus infeliz de cerâmica barata?

O seringueiro é meio nômade; sua vida muda ao sabor da natureza e das estações. Ele planta, na terra alheia, e às vezes para usar somente alguns meses, sua casa primitiva.

Mas dentro de sua indigência essa casa é um milagre de arquitetura. Está armada sobre estacas, mesmo onde não chegam as águas da enchente; como as paredes, o assoalho é feito com finos pedaços côncavos de palmeira paxiúba; como não são bem ajustadas, deixam passar o ar. A cobertura é também de fôlha de palmeiras. A casa é quadrada, e a metade da frente não tem paredes; às vezes tem um parapeito também de paxiúba. E a varanda, que funciona como "living"; não seria possível inventar um lugar mais fresco no meio da floresta.

A segunda metade é ocupada por quarto e cozinha, com o fogão de barro. Feita apenas de palmeiras, completamente vegetal, essa casa é uma obra prima de adaptação ao meio. E que colchões suntuosos de que palácios me darão jamais o infinito bem-estar da rede branca que armou para mim, na sua "varanda" pela madrugada, o caboclo Chico Pedro, veterano da revolução do Acre, quando subimos a barranca do rio até o seu rancho, no fim de uma pescaria noturna? Que vinhos e que pratos valerão essa cachaça e esse peixe moqueado que ele me trouxe na rede, imensa em que eu abandonara, feliz, o corpo cansado? Chico Pedro ou Chico Antônio? Esqueci o nome: o homem, o amigo, o mágico, o irmão, esse jamais esquecerei.

*DN out 69
FLU junho 79
RN 12
Seringueiros
de passagem pelo
aeroporto
Go. 21.8.61
22.8.61
3.1.65*

CM 23.8.51

Amazônia

de avião

A

JB

RIV

A

-lhe

Às vezes associou-se com letristas; duas músicas suas com Noel ("Mão no Remo" e "Estrêla da Manhã") não fizeram sucesso, mas deu muita sorte com Luís Peixoto ("Maria", por exemplo), com Larmartine Babo ("Grau Dez", "Rancho Fundo") e Luís Iglésias ("Boneca de Pixe"). Com Olegário Mariano fez "Negra Baiana" e agora está fazendo "Portugal", com letra escrita especialmente por Manuel Bandeira.

Lembremos que foi quatro vezes aos Estados Unidos e fez música para muitos filmes, inclusive de Walt Disney, e seus grandes intérpretes chamam-se Carmen Miranda, Dircinha, Araci de Almeida, Sílvio Caldas, Mário Reis — e agora Elizete Cardoso. Locutor esportivo e humorista de rádio durante 18 anos (agora está em litígio com a Tupi) e ficou famosa sua gaitinha para marcar os "goals", sempre mais alegre quando o "goal" era do Flamengo, sua voz de estranhos érrres e vogais, com um sotaque que êle mesmo inventou; meteu-se em política, foi eleito vereador uma vez e derrotado duas, se arrepende dessas aventuras. Levou ao México uma orquestra de 24 figuras, e agora vai levá-la ao Prata.

A música que mais dinheiro lhe tem rendido é "Aquarela do Brasil"; à custa dêle fez uma casa em uma ladeira do Leme que na ocasião lhe ficou em 1.100 contos e outra de onze quartos em um sítio em Araras, e ainda sobrou. Tem um filho de 23 anos e uma filha de 20 anos e entrega à espôsa todo o dinheiro que recebe. Gosta de beber especialmente uísque, bebe quase tôda noite, considera-se um mau bêbado que muitas vezes durante o dia tem que procurar as pessoas a quem disse coisas inconvenientes durante a noite, para se desculpar, tem milhões de amigos e não sabe viver de outro jeito, tem um pagão que só canta sambas de Ataulfo Alves, dois cães policiais, um dos quais tomou uma bebedeira tremenda na passagem de ano com restos de uísque e ainda está doente ("isto prova que uísque é mesmo para a gente tomar"), um pintassilgo e um coleiro e sobretudo um jaboti "que está em nossa família há 25 anos e nunca pronunciou uma só palavra".

Acha que combina bem com a mulher porque ela não gosta de futebol, nem de sambas nem da noite — as coisas que êle adora. Vai à praia, ouve Debussy, Brahms, Tchaikovski, Gerswhin, e acha que o samba se bolerizou, e em dezembro recebeu dos Estados Unidos 300 contos de seus direitos autorais durante o segundo semestre. Não é de comida, mas um de seus pratos prediletos dispensa o prato propriamente dito: é frango assado, que come inteiro e com a mão. Assim é o velho Ary, boêmio, discutidor, vaidoso, sentimental, esperto, ingênuo, infantil — e, sobretudo, grande.

R. B.

A POESIA É NECESSÁRIA

BOI MORTO

MANUEL BANDEIRA

*Como em turvas águas de enchente,
Me sinto a meio submergido
Entre destroços do presente
Dividido, subdividido,
Onde rola, enorme, o boi morto.*

Boi morto, boi morto, boi morto.

*Árvores da paisagem calma,
Convosco — altas, tão marginais!
Fica a alma, a atônita alma,
Atônita para jamais,
Que o corpo, êsse vai com o boi morto.*

Boi morto, boi morto, boi morto.

*Boi morto, boi descomedido,
Boi espantosamente, boi
Morto, sem forma ou sentido
Ou significado. O que foi
Ninguém sabe. Agora é boi morto.*

Boi morto, boi morto, boi morto!

NOTA:

Se temos insistido em transcrever aqui poemas de Manuel Bandeira é porque desejamos assinalar bem o aparecimento da 6.^a edição aumentada de "Poesias" (José Olympio Editôra) reunindo seus oito livros, escritos desde 1917 aos nossos dias. Esse volume contém assim a mais considerável obra poética de nosso tempo, e se insistimos em fazer propaganda dele entre leitores desta revista é porque sentimos que na verdade estamos apenas fazendo propaganda da Poesia.

Soirée

IBRAHIM SUED



Durante um elegante jantar, a srta. Dora Teixeira e o sr. Márcio Alves conversam. Será política?

- **HOJE ESTOU APRESENTANDO** em uma grande reportagem nesta revista a lista dos dez homens mais elegantes de 1954. Mais uma vez, quero frisar que o meu critério é de elegância e distinção. Não escolho apenas pela maneira de trajar. E por falar em elegância, o cronista Jerjy apresentou a sua lista das mulheres mais elegantes de São Paulo, que são as sras. Carmen Alves Lima, Cecilinha Cunha Bueno, Christiane Mendes Caldeira, Loly Sousa Dantas, Maria Helena Prado da Silva Ramos, Mariazinha Monteiro, Marinela Monteiro de Barros, May Lara Campos, Nenê Loureiro Batista Pereira e Turquinha Muniz.
- **O PRINCIPE ALI KHAN** está sendo esperado no Rio em fevereiro próximo. Como êle próprio declarou pelo telefone internacional e em telegrama para seu amigo Roberto Seabra, espera chegar ao Brasil no princípio do mês próximo. A sua vinda ao Rio tem sido uma interrogação. Afirmam que sua viagem é para cobrar dívidas que tem a receber de cavalos que vendeu quando aqui esteve. Entretanto, outros afirmam que o nobre "play-boy" vem ao Rio por causa de uma

das bonitas louras do "society" carioca, cujas iniciais são: Nicole Hime.

- **O ROMANCE MAIS RECENTE** do nosso "café society" é o do jovem sr. Tony Mavrink Veiga com a sra. Isabel Leitão da Cunha, recentemente divorciada do Barão de Wrede. Eles estão firmes. Par constante nos lugares elegantes da cidade. Fala-se muito nesse casamento. Entretanto, quando o jovem casal é interrogado, êles se olham... E a bonita filha do embaixador e sra. Vasco Leitão da Cunha está de malas prontas para a Europa, onde vai residir com seu pai, que representa o nosso país na Bélgica. O jovem Mavrink Veiga também viajará?
- **A NOITE DO REVEILLON** aconteceu evidentemente na residência do sr. e sra. Engênio Lage, em uma festa organizada por um grupo do "society" carioca. Entre as mulheres "chics", as sras. Célia Singeri, Dolores Guinle, Maria Eudóxia Gualberto, Gilda Saavedra, Maria Aparecida de Lamare, Gerard Góis, e os paulistas sr. e sra. Sebastião de Almeida e sr. Netinho' Cunha Bueno. E por falar em paulistas, o sr. e sra. João Sousa Dantas e o sr. e sra. Antônio Carlos Conceição, dois elegantes casais de quatrocentos anos, circularam no Rio.
- **INTERNACIONAL:** Tudo indica que Porfirio Rubirosa e Zsa-Zsa Gabor terminarão se casando. Cada vez mais apaixonados, e nesse inverno em New York êles estão passando quase todo o tempo, sentados em uma lareira. A lista das mulheres mais elegantes do mundo, apresentada anualmente pelo célebre colunista americano Gigi Cassini (Cholly Knicker bocker), em sua cadeia de jornais (vinte milhões de leitores), segundo notícia em "furo" na minha coluna d'"O Globo", inclui a Duquesa de Windsor e a sra. Jorge Guinle, residente no Rio.
- **NOTAS RÁPIDAS:** O sr. Carlos Roberto de Aguiar Moreira ofereceu um almôço ao Marechal Eurico Gaspar Dutra. Entre os presentes, o senador Gilberto Marinho; "petit-comité". O sr. e sra. Valentim Bouças receberam para homenagear o sr. e sra. Paulo Sampaio. Uma recepção elegante e categorizada. No Paraná, Ponta Grossa, o sr. e sra. Horácio Vargas prepararam-se para os bodas do casamento de sua filha com o sr. Roberto Valente. Vai acontecer muita champagne. O acontecimento será no dia 29.
- **ESTOU PREPARANDO AS MALAS** para participar do Festival de Cinema de Punta del Este, a convite do Serviço Nacional de Turismo do Uruguai. Depois eu conto. E hoje é só.



Em um jantar na residência do sr. e sra. Octacilio Gualberto, a sra. Niomar Muniz Sodrê palestra com a sr. Demóstenes M. de Pinho. O assunto será Museu Moderno?